



Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza – breve história de pioneirismo

Eloy de Souza Journalism School – a concise history of pioneering

Geraldo dos Santos Queiroz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Compondo o antigo quadro das escolas de comunicação do país, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza funcionou em Natal entre as décadas de sessenta e setenta do século vinte. Com ela teve início no Rio Grande do Norte a formação sistemática de jornalistas em nível universitário.

Criada pela Lei Estadual nº 2.783, de 10 de maio de 1962, sua existência não chega aos quinze anos. No entanto, é marcada pelo pioneirismo e desenvolvimento de práticas inovadoras que lhe garantem o reconhecimento da sociedade norte-rio-grandense. Sua criação como escola isolada, não submetida ao modelo então predominante de cursos de jornalismo vinculados às antigas faculdades de Filosofia, dá-lhe a condição de Faculdade de Jornalismo pioneira no Nordeste.

Em 1976 é absorvida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte após a criação nesta instituição do Curso de Comunicação Social, que dá continuidade à sua missão formadora. O ato de criação é autorizado pela Resolução nº 72-CONSUNI, de 30 de dezembro de 1975, com regulamentação definida pela Resolução nº 15-CONSEPE, de 6 de fevereiro de 1976. Desde então, o novo curso fica vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Pretendemos colaborar para a reconstituição da história da Faculdade a partir do relato de experiências que vivenciamos por mais de dez anos na instituição. Como estudante em sua primeira turma, como professor por quase uma década e como primeiro ex-aluno a assumir a sua direção, de 1970 a 1974.



Da origem ao EXTRA

A criação da Faculdade ocorre em um período da vida brasileira marcado por ideais de mudança, traduzidos em reivindicações por *reformas de base* e pelo enfrentamento de problemas nacionais com propostas inovadoras.

O Rio Grande do Norte vivia um momento privilegiado com experiências educacionais bem conduzidas: o Movimento de Educação de Base, assumido pelas dioceses de Natal, Mossoró e Caicó; a aplicação pelo Governo do Estado do Método Paulo Freire de Alfabetização, testado com êxito na cidade de Angicos; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, criada e desenvolvida pela Prefeitura Municipal de Natal. Além disso, a federalização da Universidade do Rio Grande do Norte em dezembro de 1960 ampliava as condições materiais necessárias para a consolidação definitiva da instituição, criada dois anos antes, integrando-se a ela a grande maioria das escolas superiores então existentes.

Em 1963 o governo estadual cria a Fundação José Augusto, responsabilizando-a pela manutenção da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal. Esta, fundada pela Associação de Professores do Rio Grande do Norte na década anterior, em 1956, ainda não havia se incorporado à Universidade. Sendo mais antiga e já participando ativamente do crescente movimento acadêmico, atenta à ampliação de oportunidades que surgiam para o estudante universitário, inclusive nas iniciativas educacionais já referidas, Filosofia esboçava os primeiros sinais de luta para a sua federalização, o que veio acontecer cinco anos depois, em 1968. Com a criação de uma nova unidade, a Fundação José Augusto permaneceu como mantenedora de duas escolas de ensino superior estaduais: Jornalismo e a Faculdade de Sociologia e Política.

A familiaridade com o jornalismo, o conhecimento com jornalistas de todo o país e a disposição de fazer circular novas ideias no estado, levaram o governador Aluísio Alves a convidar para assumir a direção da Faculdade Eloy de Souza o mineiro Luís Lobo. Atuando na imprensa carioca, com passagem vitoriosa por diversos jornais e revistas, o currículo de Lobo incluía a participação na reformulação do *Jornal do Brasil* e o trabalho como editor-executivo da revista *Senhor*, periódico que circulou de 1959 a 1964 e revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro.



Senhor era uma publicação diferente de tudo que já havia sido feito na área no país. Ela foi um espaço para inovar, ousar, ensaiar, testar soluções visuais; tirar o melhor partido, conhecer novas possibilidades, superar as restrições da tecnologia disponível.

Como outras manifestações que ocorreram no Brasil nos anos imediatamente anteriores ao golpe militar de 1964, *Senhor* é lembrada por seus contemporâneos até mesmo com nostalgia, como mais um sonho que acabou. (NIEMEYER, 2003, p. 11).

Algumas dessas características Luís Lobo trouxe para a Faculdade de Jornalismo. Apesar de permanecer por apenas um ano, seu trabalho foi inovador e ousado. Além de diretor, assumiu a disciplina Técnica de Redação, ministrada logo na primeira série. O curso tinha a duração de três anos e as disciplinas técnicas começavam a ser oferecidas no primeiro ano. Foi como professor, principalmente, que ele dispôs de espaço adequado para inovar, testar possibilidades, incentivar aptidões. Em sala de aula, além de poder exercitar as novas técnicas do jornalismo, inclusive as variadas formas de construção da notícia, treinando exaustivamente os alunos, contou com o entusiasmo e apoio da maioria da turma, que se dispôs a assumir o desafio de produzir um jornal direcionado à população natalense. Teria circulação semanal e seria vendido regularmente nas bancas. Posta em discussão e aceita a proposta, foi escolhido o nome do periódico: EXTRA.

Os trabalhos do jornal passaram a ser feitos através de editorias englobando áreas temáticas: internacional, nacional, local, esporte, revista e grande-ponto, esta uma alusão ao local no centro de Natal onde as pessoas se encontravam regularmente para bater papo, tido como espaço de novidades e caixa de ressonância da comunidade. Em virtude da Fundação José Augusto ainda não haver instalado a Gráfica Manimbu, a impressão era feita na Imprensa Oficial do Estado. Durante os fins de semana aí se reuniam professor e alunos para, após cumprimento da pauta, cuidar da composição e revisão das matérias, diagramação e finalização do jornal.

O *Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte* (MELO, 1987) faz o registro de EXTRA como jornal editado pelos alunos da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, com o seguinte expediente: Diretor Responsável – Luís Lobo; Editores – Internacional, Carlos Lima; Nacional, Almeida Filho; Local, Sebastião Carvalho; Esportivo, Roberval Pinheiro; Revista, Gilberto Stabili;



Grande-Ponto, Celso da Silveira; Coeditores – Geraldo Queiroz, Newton Avelino de Andrade, Gildson Oliveira, Tânia Albuquerque, Xavier Pinheiro.

Na primeira semana de setembro de 1963 teve início a circulação do jornal, que chegava às bancas sempre nas segundas-feiras. Possibilitando a união teoria/prática e o desenvolvimento de novas técnicas de coleta e elaboração da informação, pode-se identificar o EXTRA como uma experiência pedagógica de jornal-laboratório posta em prática antes mesmo da exigência feita pelo Conselho Federal de Educação (CFE) aos cursos de comunicação. Não dispondo de informações sobre a tiragem e o número de edições impressas, a memória guarda o breve período do seu funcionamento, que vai até novembro do mesmo ano. Em dezembro o jornal já não circulava.

A ruptura do regime democrático pelo golpe militar de 1964 paralisou praticamente a Faculdade. Como alguns de nossos colegas foram perseguidos em função do trabalho que exerciam na Prefeitura de Natal, onde se desenvolveu a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, ou no Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), responsável na Secretaria de Educação do Estado pelo treinamento e aplicação do Método Paulo Freire, o clima de medo, apreensão e desconfiança dominou o ambiente universitário. Pelo fato de trabalhar com o prefeito Djalma Maranhão, Carlos Alberto de Lima chegou a ser preso, sendo obrigado a interromper o curso. Tive o prazer de anos depois, como reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dar encaminhamento ao pedido de anistia e reparação da injustiça cometida contra ele, que interferiu em sua vida acadêmica. O momento político inibiu o surgimento de novas iniciativas naquele ano.

Mesmo breve, a existência do EXTRA foi marcante, principalmente para aqueles que participaram da experiência. Os que voltaram à Faculdade depois, como professores, sempre se referiam ao aprendizado que lhes havia proporcionado aquele modelo de prática acadêmica, defendendo a sua retomada. Nesse sentido, várias tentativas foram feitas em diferentes momentos da vida da instituição, antes mesmo de parecer do CFE em 1969 estabelecendo a obrigatoriedade de jornal-laboratório para os cursos de jornalismo.

Aponta-se 1967 como o ano em que o jornal volta a funcionar (DANTAS, 1998). Já o Relatório de Atividades do período administrativo 1970-1974 reporta-se à circulação de quatro números do EXTRA nos anos de 1971 e 1972. Desse período ainda conservo muitas mensagens recebidas,



como diretor da Faculdade, com observações críticas e comentários. Em uma delas, o professor Antônio Fernando Costella, da Universidade de São Paulo, afirma ter tido a “[...] oportunidade de manifestar o meu entusiasmo pelo jornal da Eloy de Souza em presença de alunos seus, que encontrei na Bahia.” (CORRESPONDÊNCIA, 1971, f. 1). Noutra, Homero Oliveira, especialista em comunicação vinculado à Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional no Brasil, agradece a remessa do EXTRA, “[...] jornal-laboratório dessa Faculdade que bem traduz a boa qualidade do jornalismo que aí se pratica. Sua forma e conteúdo condizem com o que de moderno se faz no gênero.” (CORRESPONDÊNCIA, 1971, f. 1). Enquanto isso, a *Tribuna do Norte* registrava, em 14 de outubro de 1971, que “[...] o jornal EXTRA da Faculdade de Jornalismo é verdadeira surpresa, principalmente porque mostra talentos que precisam ser aproveitados na imprensa diária.” (O JORNAL EXTRA DA FACULDADE DE JORNALISMO..., 1971, s. p.).

Intercâmbio e capacitação

Uma convocação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) do Recife, no final de 1964, reanimou os alunos. Tratava-se de um convite para a Faculdade encaminhar representantes ao I Curso Nacional de Ciências da Informação, que se realizaria naquela cidade de janeiro a março do ano seguinte. O número de candidatos ultrapassava o de vagas oferecidas mas o então diretor da Faculdade, Romildo Gurgel, terminou conseguindo com o ICINFORM a participação de sete interessados.

O instituto era vinculado à Universidade Católica de Pernambuco. Aí foi realizado o curso, integrando profissionais e estudantes de jornalismo desse estado, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Da equipe de professores participavam Gilberto Freyre, Mauro Mota, Nilo Pereira, Marcelo de Ipanema, Katarina Real Cate e Luís Beltrão, diretor do ICINFORM e responsável pela coordenação do curso. O caráter pioneiro da promoção nos permitiu conhecer um novo enfoque dado ao jornalismo, estudado no contexto mais amplo das chamadas ciências da informação coletiva. Nele se renunciava a importância da visão interdisciplinar tanto para a compreensão do fenômeno da comunicação de massa como para o desenvolvimento da investigação científica nessa área.



É desse período o início da amizade que mantive com o professor Luís Beltrão, passando a admirar desde então o seu entusiasmo e sua capacidade de mobilização. Além da convivência em Recife, passamos a tê-lo no mesmo ano como professor na Faculdade Eloy de Souza, onde lecionou Técnica de Jornal e Periódico. Com ele, aprendemos a valorizar o intercâmbio com instituições acadêmicas nacionais e internacionais, a pesquisa em comunicação e a formação continuada do jornalista. Em suas aulas passamos a tomar conhecimento de organizações até então desconhecidas, como o Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL), localizado no Equador e referência, na época, como centro credenciado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para aperfeiçoamento e especialização de jornalistas latino-americanos.

Um resultado prático desse intercâmbio foi o apoio que a Faculdade veio a dar a iniciativas de capacitação manifestadas por alunos que se encontravam concluindo o curso na expectativa de seu aproveitamento como docentes. Como ainda não existia a formação do comunicador em nível de mestrado ou doutorado e difíceis eram os cursos de especialização e aperfeiçoamento no país, a instituição naturalmente procurada para a obtenção da pós-graduação lato sensu passou a ser CIESPAL. Posteriormente, outros centros acadêmicos vieram a acolher candidatos indicados pela Faculdade Eloy de Souza, como a Universidade de Navarra e o Instituto de Cultura Hispânica, ambos na Espanha.

Ao ser reconhecida pelo Decreto Federal nº 63.690, de 26 de novembro de 1968, na administração da professora Yvonne Ferreira Barbalho, a Faculdade já contava em seu quadro docente com pessoal capacitado pelo CIESPAL. Em 1969, face ao décimo aniversário de funcionamento dessa instituição, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte aprova um voto de congratulações, fundamentando essa manifestação no fato de três norte-riograndenses haverem participado de cursos realizados na cidade de Quito promovidos por CIESPAL. Outros também, posteriormente, participaram dos seus cursos. Do total, pelo menos três deram continuidade à pós-graduação stricto sensu em outros centros acadêmicos.

O surgimento em 1970 do Departamento de Pesquisa e Documentação Jornalística (DEPEDEJOTA) reflete a influência que as ideias vindas do CIESPAL exerceram sobre a Faculdade. Além de sua criação resultar de uma pesquisa



que fizemos junto aos alunos para medir o nível de satisfação com o curso, com base em ensinamentos lá estudados, as suas atividades se espelhavam nos fundamentos teóricos da investigação em comunicação difundidos por aquele centro internacional. O DEPEDEJOTA surge, portanto, com esse direcionamento. Os resultados obtidos com a pesquisa motivaram a montagem de um documentário, *Visão Crítica da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*, que apresentamos à congregação de professores por solicitação da então diretora Yvonne Barbalho, empenhada em obter sugestões para fortalecimento do curso.

Entre as medidas aprovadas, após conhecimento da opinião externada pelos alunos no documentário, uma referia-se à criação de um setor de pesquisas para dar apoio a novas disciplinas – Jornalismo Comparado, Fundamentos Científicos da Comunicação e outras – estabelecidas pelo CFE. Na manifestação dos alunos, percebia-se uma ênfase dada à reclamação pela não utilização da gráfica de propriedade da Fundação José Augusto, para a prática jornalística. Esse mesmo sentimento vai motivar, anos depois, a estreia de um programa de entrevistas, *Xeque-Mate*, criado pelo diretório acadêmico da Faculdade e que teve grande repercussão no meio universitário e jornalístico do Rio Grande do Norte.

Respondemos pela coordenação do departamento no início de suas atividades. Pelo fato de ter sido escolhido no mesmo ano para dirigir a Faculdade, passamos à professora Nadja Caldas Lopes Cardoso a sua coordenação. Além do desenvolvimento das funções de pesquisa e documentação, o DEPEDEJOTA participou ativamente da vida da Faculdade, responsabilizando-se pela organização e execução de atividades extensionistas que repercutiram no meio acadêmico norte-rio-grandense. Podemos citar como exemplo as Semanas de Comunicação, realizadas nos anos de 1971 a 1974. Com o objetivo de estimular o debate sobre os diversos *media* e trazer para a discussão assuntos de interesse do jornalista, elas desempenharam bem a função interativa e de atualização a que se propunham.

Os temas versavam desde quadrinhos e cultura de vanguarda até comunicação e desenvolvimento rural. Como conferencistas, além de professores e estudiosos locais, participavam professores e jornalistas de outros estados: Euclides Quandt de Oliveira, ministro das comunicações; Dennis Redmont, diretor no Brasil da Associated Press; Roberto Câmara Benjamim, da Universidade Católica de



Pernambuco; jornalistas Luiz Lobo, Juarez Bahia, Woden Madruga e [...] Vilas Boas Correia. (DANTAS, 1998, p. 33).

A realização em novembro de 1971 do I Encontro Universitário Potiguar de Música Popular Brasileira, fruto de uma parceria da Escola de Música da UFRN com a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, ensejou uma manifestação de aplauso da Câmara Municipal de Natal às duas instituições. O autor da proposta, o vereador Luiz Sérgio de Medeiros, afirmava em sua justificativa que o encontro ocorreu “[...] com um brilhantismo que suplantou aos quantos já foram realizados anteriormente em Natal e no Rio Grande do Norte [...]” (OFÍCIO Nº 1224, DE 15 DE DEZEMBRO DE 1971, f. 1). Sobre o mesmo assunto, na *Tribuna do Norte* de 27 de novembro de 1971 o jornalista Woden Madruga informava que a iniciativa tinha superado as previsões mais otimistas. “Não somente pelo nível de algumas músicas inscritas [...] mas também pela oportunidade de confraternização que proporcionou a dois ou três milhares de jovens.” (DO FESTIVAL, 1971, p. 2).

Criatividade

A crescente valorização da comunicação como campo de estudo, o surgimento de outras habilitações além do jornalismo e as exigências estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação para funcionamento dos cursos de comunicação indicavam no início dos anos setenta novos caminhos a percorrer. E, conseqüentemente, muitas limitações a vencer. De forma criativa, a Faculdade de Jornalismo buscou o apoio de várias instituições. Uma delas foi o Serviço Social da Indústria, SESI-RN, que cedeu, por mais de três anos, equipamentos que viabilizaram a instalação e funcionamento do Laboratório de Fotojornalismo. Das unidades de ensino superior sediadas em Natal, Jornalismo e Sociologia eram as únicas que ainda se mantinham fora da Universidade. Essa condição restringia o trabalho acadêmico, apesar dos esforços empreendidos para compensar limitações.

Nesse contexto surgem as primeiras manifestações do interesse da Faculdade de se incorporar à UFRN. Tendo como principal reivindicação o uso da gráfica para a prática discente, em 26 de agosto de 1971 a direção da faculdade, juntamente com a congregação de professores e o diretório



acadêmico, encaminha à presidência da Fundação José Augusto um memorial no qual afirmam:

[...] é de interesse dessa Presidência e de todos que fazem a Faculdade de Jornalismo a transferência da nossa escola para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte [...] ficando a Fundação José Augusto com maior disponibilidade para cumprir todo o programa cultural a que se propõe.

Nesta hora, a utilização da Gráfica Manimbu como laboratório para a prática dos nossos alunos é de suma importância à nossa valorização como escola superior [...]. (CORRESPONDÊNCIA, 1971, f. 1-2).

No ano seguinte, durante a IV Semana de Estudos de Jornalismo realizada pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), a manifestação se torna pública. Atendendo convite formulado pelo professor José Marques de Melo, então Chefe do Departamento de Jornalismo da ECA, além de participar como expositor em uma mesa-redonda sobre Absorção dos Profissionais pelo Mercado de Trabalho na Região Norte/Nordeste, tive a oportunidade de representar a Faculdade na plenária final, juntamente com o vice-diretor Celso Dantas da Silveira e um grupo de alunos. Dentre as propostas aprovadas na ocasião, uma recomendava às universidades federais a incorporação de escolas de comunicação mantidas com a participação oficial, desde que tivessem mais de cinco anos de funcionamento e fossem reconhecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Além da veiculação da informação na mídia estadual, o *Correio Braziliense* publica em 6 de junho de 1972 matéria assinada por seu correspondente em Natal, sob o título *Congresso pede que o Governo encampe a Escola de Jornalismo*, na qual reproduz entrevista com o diretor da Faculdade e as propostas apresentadas no encontro da USP. Percebe-se pela matéria o ainda incipiente mercado profissional no Rio Grande do Norte, praticamente restrito aos meios impressos e radiofônicos. O estado ainda não dispunha de televisão. A primeira emissora foi instalada no final desse mesmo ano: a TV Universitária. Não poderia supor que vinte anos depois, como reitor, iria consolidar a sua instalação definitiva no campus da UFRN em prédio que hoje abriga o sistema de comunicação da Universidade.



Logo após o retorno de São Paulo, no dia 9 de junho, os estudantes iniciam uma atividade na Faculdade que vai repercutir em todo o Rio Grande do Norte. Era o Xequê-Mate, programa semanal de entrevistas, realizado no pátio da Fundação José Augusto. Num clima de muita informalidade, aí se reuniam estudantes e o entrevistado convidado. E, na maioria das vezes, um grande público espectador, a quem se dava também o direito de participar da entrevista. Apoiando a iniciativa estudantil, a Faculdade reconheceu o programa como atividade acadêmica, definindo a participação dos professores das disciplinas técnicas como orientadores do conteúdo a ser explorado como prática jornalística dos alunos. Além da entrevista, vários resultados eram obtidos, como a cobertura fotográfica da programação, a elaboração de notícias, reportagens e outros desdobramentos. Conforme *A República* de 15 de junho de 1972, “[...] o Diretório Acadêmico Odylo Costa, Neto [...] criou uma coisa muito boa para uma escola que quer dar a seus alunos mais do que simples teorias: entrevistas coletivas com personalidades onde os entrevistadores-reporteres são os próprios alunos das quatro séries e os entrevistados gente que é notícia.” (SPENCER NA FACULDADE, 1972, s. p.).

272 O primeiro convidado do programa foi o presidente da Fundação José Augusto. No material de divulgação, produzido pelos próprios alunos, percebe-se o direcionamento dado ao programa na sua estreia:

Quem é responsável pelo atraso na federalização de Jornalismo?
Que explicação se pode dar para a cobrança de anuidades aqui?
Quando teremos uma redação modelo devidamente instalada?
Onde deve ficar Jornalismo: na ‘José Augusto’ mesmo ou na UFRN?
[...]

Se o colega se interessa pelas respostas a essas ou a quaisquer outras perguntas ligadas ao tema *A Fundação José Augusto e a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza* – prepare-se para comparecer, e participar, do primeiro XEQUE-MATE, dia 9, sexta-feira, às 20:30h, aqui mesmo no pátio da Escola. [...]

XEQUE-MATE irá se repetir toda sexta-feira: cada semana teremos uma personalidade no nosso jogo de xadrez. Pode ser uma autoridade [...] pode ser um artista, um político, um jogador de futebol, um escritor, um pai de santo, um comunicador, uma miss ou um colega nosso. (SEJA UM JORNALISTA VIVO, DESDE JÁ, 1972, p. 2-3).



De forma criativa o processo de sensibilização e adesão à causa da federalização ia sendo construído com o convite e a participação no programa dos dirigentes das instituições que tinham poder de decisão sobre o tema. Além do presidente da Fundação José Augusto, Diógenes da Cunha Lima, compareceram ao programa o governador Cortez Pereira e o reitor Genário Alves da Fonseca. As manchetes dos jornais da época refletem a repercussão do Xequê-Mate e os desdobramentos do processo desencadeado: Jornalismo preparada para a federalização (Diário de Natal, 14 de junho de 1972); Governador promete ajuda a Jornalismo (Diário de Natal, 23 de agosto de 1972); Xequê-Mate: Reitor fala de Imprensa e Universidade (Tribuna do Norte, 15 de setembro de 1972); Universidade pode ter Curso de Comunicação (Universidade Informa – Boletim Informativo da UFRN, setembro de 1972). Em coluna veiculada no jornal *A República* de 14 de setembro de 1972, o jornalista Sebastião Carvalho assim comentava:

Uma vitória da turma da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, através do seu programa Xequê-Mate, uma espécie de aula prática, em que os alunos arguem uma autoridade sobre assuntos da atualidade: [...] o Reitor Genário Fonseca, bombardeado por várias perguntas e argumentos, revelou que a escola será federalizada.

A federalização da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza é uma pretensão de alunos e professores desde alguns anos, mas nunca se chegava a bom termo quanto à concretização da ideia.

Agora o Reitor Genário Fonseca alivia as tensões e diz que a coisa será levada a efeito. [...] Esta foi sem dúvida a primeira – e mais importante vitória do programa Xequê-Mate. (SEBASTIÃO CARVALHO: FAC. DE JORNALISMO FEDERALIZADA, 1972, s. p.).

Enquanto isso, uma comissão composta pelos professores Américo de Oliveira Costa, Berilo Wanderley, Ana Maria Cocentino, Elmo Pignataro e Geraldo Queiroz era escolhida como representante da faculdade para acompanhar o desenvolvimento das negociações junto às diversas instâncias. Pouco depois o Conselho Universitário aprovava a agregação de Jornalismo à UFRN. Com esse dispositivo ficava estabelecido o vínculo acadêmico com a Universidade e a Faculdade passava a ter representação nos colegiados superiores da instituição. Significava a primeira etapa do processo de incorporação, concluído em 1976.



O dito mostra a força que o Xequê-Mate deu ao movimento pró-federalização. Mas a pauta desenvolvida, ao longo de mais de dois anos de funcionamento do programa, foi bem mais extensa. Constituiu-se de temas os mais diversos. Nele estiveram presentes os problemas do Rio Grande do Norte e as propostas para enfrentá-los de dois governadores: Cortez Pereira e Tarcísio Maia. Muitos assuntos nacionais e alguns internacionais. Fatos do cotidiano e aqueles que, pelo inusitado, se tornaram motivo de interesse público. Na política, nas artes, no esporte. Enfim, as ideias circulavam na Faculdade. Geravam notícias que repercutiam nos jornais locais, regionais e até na grande imprensa nacional. Como esta nota publicada no *Jornal do Brasil* de 2 de setembro de 1972:

O governador do Rio Grande do Norte, Sr. Cortez Pereira, que se encontra no Rio, contava que os estudantes da escola de comunicação de Natal adotaram um sistema saudável de aprendizado e discussão, dentro de conceitos os mais democráticos. Periodicamente, convidam para debates no centro acadêmico daquela escola eminentes autoridades, professores e jornalistas. Os estudantes denominaram de Xequê-Mate a esse debate, pois, no seu decorrer, os convidados se submetem a todo tipo de perguntas sobre os mais variados assuntos. Recordo o governador que, recentemente, foi ao Xequê-Mate com os estudantes da escola de comunicação e que gostou da experiência sendo ali discutidas todas as questões políticas e administrativas do Estado e do país [...]. (XEQUE-MATE COM OS ESTUDANTES, 1972, p. 10).

Até a recusa de Pelé a um convite para participar do programa, quando de sua passagem por Natal, transformou-se em notícia e ultrapassou as fronteiras do estado. O *Diário de Pernambuco* em manchete de primeira página em seu Caderno Esportivo dizia que “[...] estudantes potiguares se revoltam com o Rei Pelé [...]”, informando sobre o protesto dos alunos nas ruas de Natal. No mesmo dia, 26 de setembro de 1973, a *Tribuna do Norte* tratava o assunto como um mal-entendido, assim definido pelo próprio Pelé. E reproduzia no título da notícia uma frase a ele atribuída: “[...] não me recusei a ir para o Xequê-Mate.” (PELÉ: “NÃO ME RECUSEI A IR PARA O XEQUE-MATE”, 1973, s. p.).



Com sequência

Assim se construiu na prática a escola idealizada pelo jornalista e governador Aluizio Alves. Novas ideias e propostas foram se incorporando no percurso de sua construção, assumida coletivamente por professores, alunos e muitos colaboradores. Outros experimentos foram desenvolvidos como parte desse trabalho pioneiro. Os programas radiofônicos semanais veiculados pela Emissora de Educação Rural de Natal, como exercício da disciplina Técnica de Rádio e Telejornal. A revista *Reportagem*, dirigida pelo então estudante Carlos Augusto Lyra Martins, dando início ainda no ano de 1966 ao respeitável trabalho em fotografia e fotojornalismo que veio a desenvolver posteriormente com seus alunos. O jornal *Mãe Luíza*, que em 1974 desvelou particularidades e carências do bairro de Mãe Luíza, assumindo outra responsabilidade como jornal-laboratório: a de jornal de bairro. Nessa época, transferíamos a direção da Faculdade aos professores Cláudio José Freire Emerenciano e Berilo Wanderley.

Desse esforço pioneiro, é impossível não mencionar outras iniciativas importantes. A participação da Faculdade nas primeiras manifestações de organização das escolas de comunicação no país, fazendo-se representar nos primeiros congressos de professores e estudantes e se engajando, através de sua direção, na luta para a criação das primeiras entidades científicas de comunicação no país: ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação e UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social. O apoio aos movimentos literários, como a acolhida dada aos adeptos do poema-processo em várias promoções realizadas na Faculdade, estabelecendo com esse posicionamento um permanente diálogo com a *Revista de Cultura Vozes*, que publicou trabalhos dos seus professores e noticiário sobre as suas atividades.

Finalmente, as práticas que valorizavam a participação do aluno em sala de aula. Com essa metodologia se passava “[...] a conhecer o jornal como um todo, [...] abrangendo seus aspectos particulares. O mais importante [...] é que os alunos não chegam nem mesmo a perceber que estão sendo conduzidos em seus debates, face à orientação que é feita de forma quase subjetiva.” (ZERO HORA, 1971, [p. 3]). É desse mesmo período o depoimento do então estudante Jorge Batista Filho, em artigo que não chegou a ser publicado, cujo original nos foi entregue pelo autor:



[...] tudo indica que o senso crítico e a criatividade dos estudantes passam a desenvolver-se com o método. [...] Encontram chance e incentivo. Alguns dos grupos de alunos feitos professores tiveram de enfrentar a avaliação crítica, às vezes dura, mas sempre sincera e quase sempre fundamentada de seus colegas. É o exercício prático da crítica e da autocrítica, este processo tão útil e educativo; algo assim para ser institucionalizado como comunhão diária de todo cidadão pensante. (DO POSITIVO QUE É A INVERSÃO DE PAPÉIS NUMA SALA DE AULA, 1971, p. 1).

Como professor, Jorge Batista não pôde dar continuidade no curso da UFRN ao trabalho tão bem iniciado na Faculdade de Jornalismo com a experiência comunitária do jornal *Mãe Luíza*. Um acidente vitimou-o antes da conclusão do mestrado que fazia na Universidade de Campinas. Também se foram precocemente Rogério Cadengue e João Bezerra Filho. Os três lideraram na escola o movimento estudantil que concebeu e construiu com tanta vitalidade o programa *Xeque-Mate*, apesar dos impedimentos políticos da época.

Aqui se torna oportuno lembrar o que disse Millôr Fernandes em carta dirigida ao diretor da Faculdade em 29 de dezembro de 1970, respondendo ao convite formulado pelos alunos para paranimfar a turma concluinte daquele ano, ao mesmo tempo em que se desculpava por não poder atender ao convite. "Aproveito a oportunidade para desejar à turma que se forma [...] uma bela carreira nessa profissão sempre árdua e, agora, como em tantas vezes na história, até heróica." E completava afirmando: "[...] quaisquer que sejam as dificuldades, a profissão de jornalista compensa, senão por outro, pelo simples fato de que a imprensa é uma dessas raras atividades em que o homem se sente vivo o tempo todo." (CORRESPONDÊNCIA, 1970, f. 1).

Tudo isso marcou a breve história da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, cujo nome fez jus ao pioneirismo e versatilidade de seu patrono. Hoje, com a geração antiga de professores e colaboradores convivem lembranças e o sentimento de dever cumprido. Com as mais novas, a responsabilidade de dar continuidade, ampliar e aprofundar a sua missão.



Referências

BATISTA FILHO, Jorge. **Do positivo que é a inversão de papéis numa sala de aula**. Natal, 1971. (Texto original datilografado).

CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL. **Ofício nº 1224/71, enviado à direção da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza**. Natal, 15 dez. 1971.

CONGRESSO pede que o governo encampe a escola de Jornalismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 6 jun. 1972.

COSTELLA, Antônio Fernando. **Correspondência [para] o diretor da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza**. São Paulo, 07 nov. 1971. (Datilografada).

DANTAS, Maria Inês Marciel. **A contribuição da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza para o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Rio Grande do Norte**. 1998. 57 f. Monografia. (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/Academia de Polícia Cel. Milton Freire, Natal, 1998.

ESTUDANTES potiguares se revoltam com o “rei” Pelé. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 1, 26 set. 1973. (Caderno Esportivo).

FAC. DE JORNALISMO federalizada. **A República**, Natal, s. p., 14 set. 1972. (Coluna de Sebastião Carvalho).

FACULDADE DE JORNALISMO ELOY DE SOUZA. **Memorial [para] o presidente da Fundação José Augusto**. Natal, 26 ago. 1971. (Datilografado).

_____/ Folheto do Diretório Acadêmico Odylo Costa, Neto. **Seja um jornalista vivo desde já**: Xequê-Mate, programa das sextas. Natal, 1972. (Datilografado).

_____. **Relatório de atividades**: 1970-1974. Natal: Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, 1974. (Datilografado).

FERNANDES, Millôr. **Correspondência [para] o diretor da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1970. (Datilografada).

GOVERNADOR promete ajuda a Jornalismo. **Diário de Natal**, Natal, p. 1, 23 ago. 1972.

JORNAL EXTRA da Faculdade de Jornalismo... **Tribuna do Norte**, Natal, s. p., 14 out. 1971.

JORNALISMO. **Diário de Natal**, Natal, [p. 3], 11 mar. 1971. (Zero Hora).



JORNALISMO preparada para a federalização. **Diário de Natal**, Natal, p. 1, 14 jun. 1972.

DO FESTIVAL. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 2, 27 nov. 1971. (Jornal de WM).

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte**: 1909-1987. Natal: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez Editora, 1987.

NIEMEYER, Lucy. Sr. uma revista para o senhor. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2003. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, 2003.

OLIVEIRA, Homero F. de. **Correspondência [para] o diretor da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza**. Rio de Janeiro, 14 set. 1971.

PELÉ: "não me recusei a ir para o xeque-mate". **Tribuna do Norte**, Natal, s. p., 26 set. 1973.

QUEIROZ, Geraldo dos Santos. Profissionalização dos jornalistas no Brasil: situação da região norte/nordeste. **Revista de Cultura Vozes**, Rio de Janeiro, out. 1972.

SPENCER na Faculdade. **A República**, Natal, s. p., 15 jun. 1972.

278 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Reitor no Xeque-Mate: Universidade pode ter curso de comunicação. **Universidade Informa – Boletim Informativo**, Natal, set. 1972.

VARELA, Dailor. Professores nordestinos & vanguarda. **Revista de Cultura Vozes**, Rio de Janeiro, mar. 1971.

XEQUE-MATE com os estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 2 set. 1972. (Informe JB).

XEQUE-MATE: Reitor fala de imprensa e Universidade. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 3, 15 set. 1972.

Prof. Ms. Geraldo dos Santos Queiroz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Natal
Departamento de Educação
Reitor da UFRN | 1991-1995
E-mail | geraldo_queiroz@uol.com.br